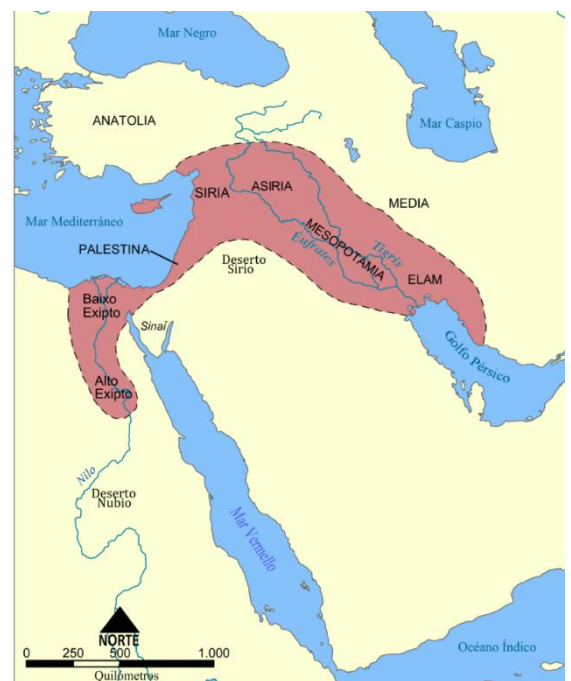




## DUAS GRANDES POTÊNCIAS: BABILÔNIA E EGITO

Obs = Este tema deveria ter sido apresentado logo no início, mas as questões do Pentateuco não deixaram espaço.

“O palco da história do povo de Israel é a parte meridional do corredor siro-palestinense entre as antigas civilizações e potências situadas junto ao Nilo, na Mesopotâmia e na Ásia Menor. Em virtude de sua situação geográfica, esse corredor foi ao longo dos milênios um cadinho de influências políticas e culturais que, provindo de todas as direções, ali se encontravam e eram processadas. Estava destinada a transmitir ao Ocidente, pela via dos gregos, a herança do Oriente. Além dessa missão histórico-cultural, não produziu formações políticas autônomas em maior estilo. O corredor era e permaneceu uma região de interesses e objeto da política imperialista dos impérios. Só nas fases de enfraquecimento das potências externas conseguia, sempre passageiramente, ganhar um peso político próprio.”



H. Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, 33

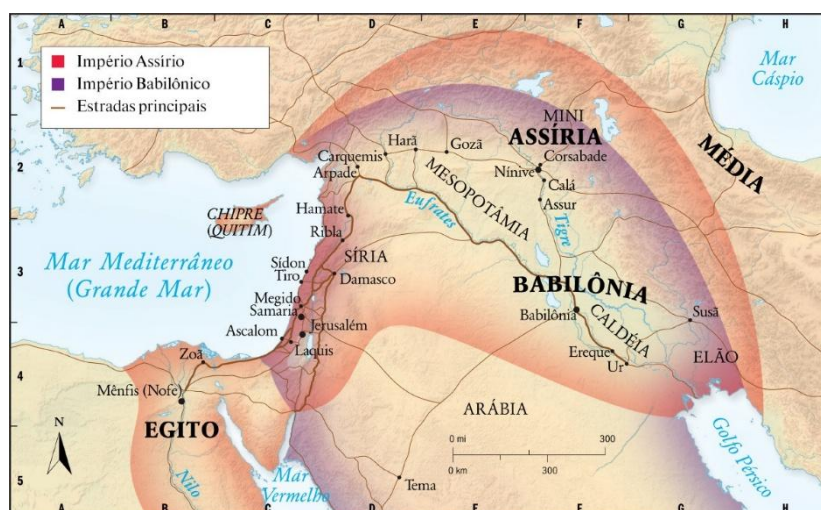
## Introdução

Ao percorrermos as páginas do Antigo Testamento, encontramos repetidamente duas grandes potências que moldaram não apenas o cenário político do Oriente Próximo, mas também a espiritualidade e a memória religiosa de Israel: Babilônia e Egito.

Duas vezes elas são apresentadas juntas no Antigo Testamento, no contexto de inimizade: “Eu recordo Raab [Egito] e Babilônia entre os que me conhecem”, Sl 87,4; “Eis que entregarei o Faraó Hofra, rei do Egito, nas mãos de seus inimigos e dos que querem matá-lo, assim como entreguei Sedecias, rei de Judá, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, seu inimigo, que queria mata-lo”, Jr 44,30.

Essas potências, como nos recorda o historiador de Israel, Herbert Donner, estavam, nas extremidades do território onde o Povo de Deus se estabeleceu. Embora cada uma tenha exercido influência em épocas diferentes e sob formas diversas, ambas representam muito mais que nações historicamente poderosas; elas compõem, na linguagem bíblica, dois “lugares teológicos” que revelam o drama do povo eleito diante das tentações, das opressões e da promessa de libertação.

Para o cristão que lê o Antigo Testamento com “os óculos do Novo Testamento”, o Egito e a Babilônia tornam-se símbolos espirituais permanentes: imagens das forças que aprisionam, seduzem ou dispersam, e diante das quais o Senhor se apresenta como libertador, pastor e restaurador do seu povo.



## 1. BABILÔNIA: PODER IMPERIAL E PURIFICAÇÃO ESPIRITUAL

A Babilônia surge na Bíblia de modo grandioso e trágico. Antes de se tornar um império, aparece já no Gênesis como símbolo da soberba humana (a Torre de Babel, cf. Gn 11), onde a humanidade tenta “fazer um nome para si”. Inserida na vasta região da Mesopotâmia, ela é apresentada pela Escritura como o solo ancestral de onde Deus chamou Abraão, o pai da fé.

Em Ur dos Caldeus (cf. Gn 11,28.31), Abraão vivia em meio a uma cultura rica, mas marcada pela idolatria. É desse coração civilizacional, entre o Tigre e o Eufrates, que o Senhor o convoca para uma terra nova, fazendo surgir um povo destinado a levar a bênção a todas as nações (cf. Gn 12,1–3). A história da salvação começa, portanto, nesse antigo berço de povos e impérios.

Depois da época de Abraão, a região da Babilônia atravessou longos ciclos de ascensão e queda. Primeiro veio o florescimento do Império Babilônico antigo, com Hamurabi (século XVIII a.C.), cuja legislação marcou profundamente o Oriente. Depois disso, Babilônia caiu sob domínio de potências vizinhas, especialmente os cassitas, e mais tarde ficou alternando entre influências assírias e elamitas.

Nos séculos seguintes, a Assíria tornou-se a grande força dominante na Mesopotâmia, mantendo Babilônia sob controle intermitente. Só no século VII–VI a.C., com Nabopolassar e Nabucodonosor II, a cidade renasceu como capital do Novo Império Babilônico, tornando-se a maior força militar do Oriente Próximo, destruindo Jerusalém em 587 a.C., queimando o Templo e levando para o exílio a elite de Judá (cf. 2Rs 24–25).

O Exílio Babilônico é o evento traumático que marca definitivamente a consciência de Israel. Ali, “junto aos rios da Babilônia, nos sentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião” (Sl 137,1). O povo vive a perda da terra, do templo e da monarquia. Mas é também nesse chão estrangeiro que amadurece a fé no Deus único, que não está limitado a um território.

### ***A Babilônia e os profetas***

Profetas como Jeremias, Ezequiel e o Segundo Isaías interpretam profundamente o exílio. Para Jeremias, Babilônia é instrumento da justiça divina: “Eu vos enviei de Jerusalém para a Babilônia” (Jr 29,20). Mas o mesmo profeta

anuncia também o retorno: “Eu conheço os planos que tenho para vós... planos de paz” (Jr 29,11).

O Deutero-Isaías proclama que Deus abrirá um novo Êxodo: “Preparai no deserto o caminho do Senhor” (Is 40,3). O retorno do exílio é tratado como recriação, renascimento espiritual. A Babilônia será, afinal, derrubada: “Caiu, caiu Babilônia!” (Is 21,9).

### ***Sentido espiritual da Babilônia***

Se o Egito representa a escravidão visível, a Babilônia simboliza o exílio interior, a dispersão, a perda das referências espirituais. Para os cristãos, Babilônia poderia:

- representar o mundo que tenta apagar a identidade do povo de Deus;
- simbolizar a sedução cultural que ameaça a fidelidade à fé;
- tornar-se imagem da “cidade terrena” oposta à “Jerusalém celeste” (cf. Ap 17–18).

O Apocalipse retoma explicitamente essa teologia ao falar da “Babilônia prostituta”, símbolo de um sistema opressor que será definitivamente vencido pelo Cordeiro. O Novo Testamento mostra que a verdadeira libertação não é apenas política, mas espiritual: Cristo conduz seu povo do exílio do pecado para a comunhão eterna com Deus.

## **2. EGITO: ENTRE HOSPITALIDADE E ESCRAVIDÃO**

O Egito aparece na Bíblia de forma ambivalente. Por um lado, é lugar de abrigo: Abraão desce ao Egito em tempo de fome (cf. Gn 12,10); José é exaltado na corte do faraó (cf. Gn 41); Jacó e seus filhos encontram ali alimento e refúgio (cf. Gn 46). A terra do Nilo representa, portanto, o espaço de uma providência misteriosa, onde Deus conduz sua história mesmo por meios inesperados.

Segundo a narração bíblica, setenta pessoas desceram ao Egito com Jacó e seus filhos (cf. Gn 46,27; Ex 1,5; Dt 10,22). No entanto, do Egito saiu uma multidão imensa, já formada em clãs e organizada nas doze tribos de Israel, quando o Senhor os libertou com mão poderosa (cf. Ex 12,37; Nm 1,1–46).

Por outro lado, o Egito torna-se o símbolo por excelência da escravidão. A geração que não conheceu José oprime Israel (cf. Ex 1,8-14); o faraó resiste ao

comando divino: “Deixa o meu povo partir” (Ex 5,1). O livro do Êxodo não descreve apenas um conflito político, mas uma confrontação entre o Deus vivo e as estruturas que escravizam.

O evento fundador da fé de Israel, o Êxodo, nasce exatamente desse confronto. “Eu sou o Senhor teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2): é esta memória que sustenta toda espiritualidade bíblica: Deus é aquele que liberta.

Após a saída dos hebreus, o Egito entrou num período de enfraquecimento político, com sucessivas dinastias perdendo poder interno. Durante a chamada Época Baixa, o país sofreu invasões e interferências de povos estrangeiros, incluindo líbios e núbios, e viveu longas fases de divisão entre reinos rivais.

No século VIII–VII a.C., o Egito caiu sob domínio dos assírios, que chegaram a ocupar Mênfis e Tebas. Depois, os faraós saítas tentaram restaurar o prestígio egípcio, mas com força limitada. No momento do exílio babilônico, o Egito já não conseguia rivalizar com Babilônia e acabou derrotado por Nabucodonosor.

### ***O Egito na profecia***

Os profetas frequentemente denunciam a tentação diplomática de recorrer ao Egito como solução fácil para os conflitos internacionais. Isaías adverte contra essa ilusão: “Ai dos que descem ao Egito em busca de ajuda... mas não consultam o Senhor” (Is 31,1). A dependência política revela a tentação espiritual de substituir a fé pela segurança humana.

Ainda assim, os profetas não demonizam o Egito; anunciam também um futuro de reconciliação: “Naquele dia haverá um caminho do Egito para a Assíria... e Israel será o terceiro com eles, uma bênção no meio da terra” (Is 19,23-25). Deus transforma os antigos opressores em parceiros da salvação universal.

### ***Sentido espiritual do Egito***

Na leitura cristã, o Egito torna-se símbolo espiritual daquilo que escraviza o coração humano. Os Padres da Igreja viram no Êxodo figura do Batismo: atravessar o Mar Vermelho é deixar para trás o jugo do pecado e entrar na liberdade dos filhos de Deus.

Para o discípulo de Jesus, o “Egito” pode representar:

- a tentação de confiar mais nas estruturas humanas do que na providência divina;
- a sedução de antigas seguranças que impedem o caminho da fé;

- o lugar do qual sempre somos chamados a “sair”, como Abraão, para caminhar com Deus.

## Conclusão

Babilônia e Egito, mais que potências do passado, tornam-se para a Bíblia dois grandes paradigmas espirituais. O Egito recorda a escravidão e o chamado à confiança no Deus libertador; a Babilônia, o exílio e a esperança da restauração.

Para o cristão, ambos funcionam como espelhos do caminho interior: todos carregamos nossos “Egitos” (seguranças falsas, vícios, estruturas de pecado) e todos atravessamos “Babilônias” (períodos de dispersão, crise, secura espiritual).

À luz do Novo Testamento, porém, aprendemos que Cristo é o novo Moisés e o novo libertador do exílio: Ele nos tira da escravidão, reconduz ao Pai e edifica em nós a Jerusalém nova. Assim, a memória histórica dessas potências se transforma em chamada à conversão, confiança e esperança para todo discípulo que lê a Escritura como Palavra viva de Deus.

Prof. Dr. Pe Marcelo Cervi

## BIBLIOGRAFIA:

*Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 2002.

*Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB*, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

*Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos*, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

*Bíblia. Palavra viva*, São Paulo, Paulus, 2022.

*A Bíblia*, São Paulo, Paulinas, 2023.

*Bíblia do Peregrino*, São Paulo, Paulus, 2002.

*Bíblia. Tradução ecumênica*, São Paulo, Loyola, 1994.

*Nova Vulgata. Biblorum sacrorum editio*, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.

- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2023.